



## PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Conde da Floresta Negra, Dr. Grotius, Visconde de Cock Tail  
e Vice-Consul dos Paizes Baixos.

Publica-se duas vezes por mez. — As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 4 DE JULHO DE 1868.

N 20.

Rio, 4 de Julho de 1868.

### MARIA.

Maria!—Este nome é para mim um talisman sublime, que concentra e absorve em si todas as minhas faculdades de sentir; este nome resôa-me n'alma tão dôce e tão brando, como o gemer brando e dôce da rôla, que no calor da sesta chama a si o companheiro ausente!

Não sei, que nome possa haver no mundo tão bello e tão lindo, que possa rivalisar com este

Maria—é tão simples, tão suave, tão cadente e harmonioso, tão cheio de graças e encantos, que ninguém poderá deixar de amal-o.—

E eu amo este nome com todo o amor, que tem cabimento em coração d'homem; amo-o apaixonadamente.

Maria—lembra-me alguns dias felizes de minha vida, esses bellos dias decorados de illusões douradas, que eu vi fugir tão rapidos como o meteoro, que fende os ares e logo desaparece mal desponta no horisonte; tão ephemera tem sido para mim a ventura.

Eram dias esses, que despontavam claros e sem nuvens, dias em que a aurora surgia bella e radiante, dardejando innumeros raios de luz; eram dias de primavera, e eu estava tambem na primavera da vida, nessa idade tão ambicionada, em que tudo parece prazer e vida, nessa idade em que o mundo só nos offerece delicias, porque não ha soffrimentos, não ha penas nem pesares, que não revistamos de belleza.—

Tudo então é lindo, tudo encanta. O passado, o presente e o mesmo futuro, tudo é bello e

sublime; a propria morte é bella nessa idade, porque de modo algum se concebe a realidade terrivel da sepultura.

Maria—tu és o meu condão; fazes-me passar as noites e os dias com o coração a trasbordar de alegrias e esperanças.

Maria!—Quanto amo este nome.

Amo-o tanto quanto á mulher que o tem.

Mulher! lhe chamei eu?! Perdôa, Maria; és um anjo sob a forma de mulher, a tua essencia não é deste mundo.

E's uma estrella divina que me appareceste no mundo para me guiar os passos, e a que está preso o meu destino.

Anjo tutelar da minha vida, abriga-me com tuas azas candidas e puras, que eu impavido arrostarei a sorte; pousa sobre mim os teus olhares, e eu sereno e tranquillo encararei o futuro.

DR. GROTIUS.

### O FOGO DE ARTIFICIO.

Houve tempo em que para mim o facto de assistir a um fogo de artificio era a realisação da felicidade suprema.

E'ra criança então, e como todas as crianças ainda hoje, daria de bom grado dez annos de vida por uma flecha ou dez vidas em um anno (se as tivesse) por uma rodinha.

Era hyperbolico como um hespanhol e entusiasta por excellencia do foguete de lagrimas.

A pessoa do fogueteiro tornava-se para mim um ente metaphysico, um Mephistopheles, um Rei do fogo, um Genio emfim.

Todos aquelles vultos formando umas vezes



um círculo, outras vezes duas linhas; aqui uma grande roda, acolá um grande manequim dera-beca em punho, ali uma *dona* com o seu *benoiton* de papel,—e depois de tudo isso a fortaleza, a eterna fragata e finalmente o *epitaphio* da ignea festa; tudo isso naquella bom velho tempo era maravilhoso, patetico, sublime mesmo se quizerem, mas hoje é *rocóco* e digamos a palavra, indecente.

Na imaginação descuidada da infancia não entra o espirito de exame. Ella assiste á estas festas firmando a vista nas variadas côres do fogo sem de leve comprehender a malicia que ultimamente quasi sempre os taes fogueteiros empregão nas obras primas de sua lavra.

Se me permittem, irei buscar um pequeno exemplo não longe daqui; no largo do Machado.

O leitor necessariamente lá vio no Domingo passado em linha de batalha os artefactos do heróe applaudido da festa, capitaneado por dous automatos, e apoiados por um forte e um vaso de guerra.

Arde tudo e como li em um poema inedito:

*Alli, circula em vertice vistoso  
A roda leve espadanando incendijs,  
Chovendo oiro luzente, e estrellas alvas;  
Aqui florêa o fulgido valverde,  
Volcão sonoro, arremette ás nuvens;  
Voa, remonta impaciente aos ares  
O ignivomo foguete estrepitoso.*

Chega a vez dos dous,—o primeiro toca o seu instrumento enquanto o segundo faz *piruetas*. Risadas de admiração e espanto acolhem essa oitava maravilha.

A pouca distancia acha-se o templo e para maior prova do talento artistico do progenitor, os dous automatos manifestão dôres de ventre e disso dão provas ao respeitavel e illustre auditorio.

Neste periodo a arte emitou a natureza, a ponto de lançar a mais hedeonda blasphemia ás portas do templo christão; graças ao talento do fogueteiro e á cegueira de uma irmandade inteira.

Não pensem que desejo a abolição completa de uma industria, quando fallo deste modo.

Deus de tal me deffenda. A maldição das crianças e uma chuva de *café com leite* porião os meus dias em risco; queria sómente ver reformado e exposto com mais decencia nas festas religiosas o tal celebre fogo de artificio.

FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRES.

## GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES.

### Cincinatus.

E' severamente ingrata a apreciação que fazem os contemporaneos das celebridades que lhes proporcionam gratos passatempos, e que lhes merecem por essa razão a mais respeitosa veneração e o mais decidido culto.

A não ser esta galeria tão brilhantemente encetada pelo illustre almirante Duque de Pick Nick, a quem nos coube a honra de succeder, onde estaria a popularidade de Diogenes, onde haveria um estímulo ás inspirações de Pindaro, onde um voto de gratidão e admiração aos serviços e boas obras de Frei Bartholomeu dos Martyres?

Nada d'isto existiria. Seriam taes notabilidades condemnadas ao esquecimento, e talvez desconhecidas estas preciosidades, de todos aquelles a cujas mãos não chegue este jornal.

Cumprimos hoje pois, um dever, traçando a zoographia de Cincinato Pica-páo.

E' realmente difficilissima a tarefa de que nos incumbimos. Em vão inquirimos de nossos amigos mais bem informados, qual o lugar que teve a honra de ser berço de Cincinato!

Depois de indagações infructiferas por toda a parte, um dia, e dia esse da maior felicidade para nós, passeavamos por uma das praças desta cidade, de um grupo de individuos que se divertiam em jogar a pedrada a outro grupo formado a pequena distancia ouvimos bradar com enthusiasmo a revolucionaria phrase « *abaixo o pica-páo.* »

Chamou-nos a attenção a energia da phrase e a suavidade do nome que nos chegou aos ouvidos e que não não nos era estranho, e approximamo-nos do grupo.

Veio-nos a certeza de que se occupavam do mesmo homem de quem hoje nos occupamos, e procuramos portanto colher algumas informações d'aquella pleiade.

Chegou-nos ao conhecimento o seguinte:

Cincinato Pica-páo nasceu na ilha de Lilliput, n'aquella ilha onde Gulliver se vio atrapalhado diante dos ataques do povo *mosquito* que a habitava.

Cincinnato desenvolveu-se physicamente com proporções enormissimas, sendo considerado um gigante pelos seus conterraneos, aos quaes seu tamanho aterrorisava.

Levantaram uma conspiração contra elle e conseguiram expulsal-o da sua ilha natal. Com grande pezar partio o ilhéu de Lilliput para o Rio de Janeiro, aonde desembarcou pouco tempo depois.

Assombrado, para não dizer aparvalhado, ficou o nosso homem, pelo facto de que sendo considerado um gigante em relação aos seus compatriotas, via-se pequenino e anão diante da população entre a qual ia elle viver. E na verdade Cincinnato entre os seus era de uma estatura desproporcionada, e era entre nós apenas um individuo de um metro e vinte centímetros de altura.

Não desanimou elle e principiou a percorrer a nossa cidade. Os moleques que não deixam passar camarão por malha, deram-lhe na pista, acharam-lhe graça e mimosearam-n'o logo com a emplumada qualificação que os leitores já conhecem, chamaram-n'o—pica-páo.



# GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES



**CINCINNATUS**  
**IV .**

Supplemento ao n. 20 do X.



DR. GROTIUS.



## O CLUB MOZART.

Assistimos ao ultimo serão muzical do Club Mozart.

Querer contestar os progressos que tem feito os distinctos amadores que ali cultivão a arte de muzica, seria tirar de Cesar o que é de Cesar, seria negar á luz da evidencia um facto provado.

Assim como no sarão anterior, a mesma disposição, ou digamos melhor, o mesmo entusiasmo animava o auditorio depois da execução de qualquer das peças do programma.

A ouvertura da *Norma* e da *Embassatrice*, foram, como alli sóem ser, magistralmente executadas. Os Srs. Motta e Amaral tiraram de suas flautas sons tão suaves e tão bem combinados; elevando-se ora rapidos e fluentes até as notas mais agudas; descendo logo apoz a perder-se em uma melodia de notas graves, porém doces ao ouvido como o murmúrio de crystallino riacho, ou suave como a voz angelica de Malvina de Ossian, invocando a memoria do seu amante perdido.

Parabens a tão distinctos amadores.

Seria injustiça deixar de render a devida homenagem aos Srs. Lisboa e Numa do Rego Macedo, amadores igualmente de bom quilate.

Ouvimos o primeiro destes Srs. no penultimo sarão do Club Mozart e nossa opinião a seu respeito é sempre a mesma. O Sr. Numa fez-nos recordar os bellos tempos da *Campesina*, de que elle foi um dos mais importantes membros e onde sempre foi ouvido com religiosa attenção. No duo da rabeca com o Sr. Dangremont mais uma vez provou o seu talento.

O dueto da opera *Atila* e a aria da *Maria de Rudens*, forão bem cantados pelo Sr. Torquato e Enéas. Os Srs. Arthur Napoleão, Wagner, Ricardo T. de Carvalho e Almeida fizeram-se ouvir ao piano. Fazer um elogio a esses senhores é superfluo. São por demais conhecidos do publico que sabe apreciar a boa muzica.

Os Srs. Domingos Miguel, Pitanga e Adriano brilharam na parte que lhes coube no concerto, e que nos deixou a nós, as mais gratas e agradaveis impressões.

Continúe o Club Mozart a marchar dessasombrado pelo caminho que trilha. De cada um discipulo, em uma epocha dada, fará um mestre e terá assim prestado um serviço real á arte de muzica e outro igualmente real ao espirito de associação.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

## CARICATURAS EM VERSO.

### BIOGRAPHIA DE UM CHAPÉO.

Ponhamos á luz do dia,  
á face do mundo inteiro,  
de um *chapéo* a biographia,  
o qual no Rio Janeiro  
gozou de muita valia!

Escriptor de boa nota,  
afamado jornalista,  
o *chapéo* dava ás e sota!  
Todos lhe andavam na pista,  
todos buscavam-lhe a rota!

Pelo trajo se julgava,  
fosse d'inglez engenheiro;  
trasia saia mui alva  
e cobria o tal *bregeiro*  
a mais respeitosa *calva*!

Cobria uma *calva* é certo!  
sob a qual certo *talento*  
transpondo aquelle *deserto*,  
exclamava ao povo attento:  
«estamos n'um céu aberto!»

Dizer que não, ninguém ousa!  
Temos Messias na terra!  
Não se falla n'outra cousa!  
Sobre as victorias da guerra,  
sómente o *chapéo* repousa.

Ás trevas rasgara o véo!  
E rasgara-o c'um foguete  
que subira até o céu!  
«Entrou do sul o paquete!»  
Mais se exaltara o *chapéo*!

E assim, reliquia sagrada,  
do *chapéo* um bocadinho  
tudo quer!.. Á tesourada  
cortam-lhe a capa de linho  
para a terem bem guardada.

Mas n'isto vai-se... morreu!  
(Depressa mudam-se as scenas)  
O *heróe* tornou-se réo,  
desmembra-se a nova *Athenas*, (\*)  
tombou na lama o *chapéo*!

Não deu, não, queda tamanha  
Napoleão Bonaparte!!  
Quem um vulto assim apanha  
vai expol-o em qualquer parte  
sobre faustosa *peanha*!

Se nelle inda os olhos fito,  
observo como era immensa  
a fama desse proscripto,  
desse Mirabeau da imprensa  
que p'r' o mundo fôra um mytho.

PICK-NICK

(\*) Redacção do *Diario do Rio*.